

NÓS EM REDE: RESISTÊNCIA E COMUNICAÇÃO NA CIBERCULTURA.¹

Karine do Prado Ferreira Gomes²

O ato de resistência possui duas faces. Ele é humano e é também um ato artístico. Somente o ato de resistência resiste à morte, seja sob a forma de uma obra de arte, seja sob a forma de uma luta dos homens

Gilles Deleuze

RESUMO:

O objetivo central desse presente texto é de maneira geral apresentar alguns prolegômenos iniciais para a compreensão de como a cibercultura, com o advento das novas tecnologias eletrônicas, permite e capacita-nos a repensar o conceito de comunicação tanto na ordem epistemológica, quanto na ontológica (e seus interlúdios). Durante o texto veremos qual é o espírito da cibercultura, como o advento das novas tecnologias possibilitam novos tipos de ações de resistência (net-ativistas) e como essa nova forma reticular permite uma reconfiguração de percepções sobre conceitos tradicionais da comunicação e propõe-se a repensar a comunicação sobre o signo do acontecimento entre uma multiplicidade de atores.

Palavras-chaves: Comunicação, Cibercultura, Rede, Resistência, Net-ativismo.

O espírito da cibercultura³

No momento em que escrevo o presente texto, presencio “Mr.Robot”, uma série que possui um *hacker* como protagonista, ganhar dois Globos de Ouro em 2016. Aclamada pela crítica e escolhida como melhor série dramática, a série desbancou grandes produções favoritas ao prêmio. Não é difícil chegar à conclusão de que o provável sucesso da série diante do público se deve, entre outros fatores, a analogia exata do espírito da nossa época cibercultural: o *hacking*. Segundo André Lemos (2013) “a narrativa *cyberpunk* ⁴reflete a apoteose do pós-

¹ Trabalho elaborado para XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste na PUCGO - Goiânia – GO de 19 a 21 de Maio de 2016.

² Graduada em Publicidade e Propaganda pela Universidade Federal de Goiás, Mestranda do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Comunicação e Informação da Universidade Federal de Goiás. E-mail: karinedoprado@hotmail.com

³ André Lemos (2013) define cibercultura como “a cultura contemporânea, associada às tecnologias digitais (ciberespaço, simulação, tempo real, processos de virtualização etc.)” que cria “uma nova relação entre técnica e vida social.” (LEMOS, 2013, pg. 15)

⁴ Segundo André Lemos (2013) “O imaginário *cyberpunk* vai marcar toda a cibercultura. O termo tem suas origens no movimento homônimo de ficção científica que associa tecnologias digitais, psicodelismo, tecnomarginais, ciberespaço, *cyborgs* e poder mediático, político e econômico dos grandes conglomerados multinacionais. Além da ficção, todo o imaginário da cibercultura vai ser alimentado pela ação dos *cyberpunks* reais, o underground da informática.” (LEMOS, 2013, pg.189)

modernismo por ser, ao mesmo tempo negação (da filosofia, do corpo, da história, da política...) e afirmação, contra a tecnocracia. ” (LEMOS, 2013, pg.198).

O grande espírito da cibercultura é o *hacking* (ação originária feita pelos *hackers*) que é transgredir, desviar e apropriar das novas tecnologias. Os *hackers* são aqueles que popularizam o computador como ferramentas libertária, com isso cria-se o imaginário que todos podemos ser *hackers*, pois o computador a partir do final do séc XX será um artefato extremamente popular. As pessoas se configuram agora como atores-rede dessa nova sociabilidade reticular, exploram criativamente a potência técnica para burlar “o sistema”.

A cibercultura instaura assim uma estrutura midiática ímpar (com funções massivas e pós-massivas) na história da humanidade onde, pela primeira vez, qualquer indivíduo pode produzir e publicar informação em tempo real, sob diversos formatos e modulações, adicionar e colaborar em rede com outros, reconfigurando a indústria cultural (LEMOS 2007 *apud* LEMOS, 2003 pg. 125)

Transforma-se a lógica tradicional da comunicação (um-todos) para a lógica do rizoma (todos-todos) e dilui-se a linha entre o privado e o público. Segundo Derrick Kerckhove “estamos acelerando em direção a um novo nível de consciência privado e público ao mesmo tempo. Há pelo menos três características da tendência atual da globalização que merecem nossas considerações psicológicas (e não exclusivamente políticas): transparência, instantaneidade e ambientes inteligentes. ” (KERCKHOVE, pg.201). Dessa maneira, os *hackers* compõem o espírito dos novos contornos de uma resistência à “sociedade de controle” descrita por Deleuze (1992) e explicam muito bem as faíscas iniciais dos movimentos net-ativistas.

Os movimentos net-ativistas⁵, movimentos sociais que começam com articulações a partir e através da internet, tem seu começo no espírito transgressor dos *cyberpunks*. Segundo Machado (2013) o ativismo *hacker* é político em sua essência. Enquanto a primeira geração de *hackers* “estavam focadas nas políticas relacionadas a softwares e hardwares, os *hacktivistas*

⁵ O termo aqui é empregado em referência ao *netactivism* título do livro de Ed Schwartz (1996) e que indicava a simplificação da expressão *Network-Ativismo*. Com a reconfiguração da Web. 1.0 para a Web. 2.0, os estudos ciberativistas foram reconfigurados para estudos netativistas pois com a nova configuração em rede e pela proposta dos estudos de Ed Schwartz (1996) o termo netativista “ não se restringe o seu significado ao âmbito da democracia eletrônica e das redes cidadãs de participação política, mas analisa uma nova forma de ativismo digital *em* rede e *na* rede que se articula como maximização das possibilidades de autonomia, de processos de sustentabilidade e de criatividade no âmbito dos movimentos *new-global*. Esses são caracterizados não pela oposição à globalização, mas pelo advento de uma identidade cidadã global, habitante das redes digitais, que não nega a diversidade local e cujas pautas reivindicatórias e de ação glocal avançam na direção do atendimento das necessidades comuns, tais como a democracia, equidade, consumo consciente sustentabilidade.” (DI FELICE, 2013, pg.54)

transpuseram mais claramente esse caráter político ao plano social” (MACHADO, 2013, pg. 20). Para André Lemos (2013) a história da microinformática está ligada à necessidade de descentralizar o poder da informação. O primeiro computador, o Altair, foi criado para liberar a tecnologia. Mais tarde Steve Jobs e Steve Wozniak criariam a Apple que tinha como texto promocional “nós construímos equipamentos que dá as pessoas o mesmo poder sobre a informação que grandes corporações e governos têm sobre elas”.(LEMOS, 2013, pg. 209). Para Machado (2013) o *hacktivismo* tal como conhecemos hoje tem suas origens marcadas na década de 1990, por meio da rede colaborativa ao movimento zapatista que nas palavras de Castells (2002, pg.103) foi o “primeiro movimento de guerrilha informacional”. Sob o lema de “Liberdade, democracia e justiça”, o movimento Zapatista foi primeiro grande movimento global, que possibilitou a criação de movimentos transnacionais no mundo inteiro, a recusa da luta pelo poder e a introdução de temáticas não típicas da tradição política.

Manuel Castells (2003) diz que a internet é surgida no ambiente de liberdade de pensamento e inovação dos *campi* universitários dos anos 1960 nos EUA, e à capacidade criativa dos seus produtores. Para o sociólogo a cultura é uma fonte de significados e uma construção coletiva que transcende preferências individuais e formas de comportamentos e costumes. Desse modo, a Internet funda um novo padrão de comunicação e também uma nova cultura, estruturada em quatro camadas culturais que contribuem para uma ideologia da liberdade: a cultura tecnomeritocrática (dos produtores/usuários), a cultura hacker, a cultura comunitária virtual e a cultura empresarial. (CASTELLS, 2003).

Na trama de Mr. Robot, o jovem Elliot, que faz do espectador sua própria consciência, começa a participar de uma rede de *hackers* chamada “FSociety” (assim como a rede *Anonymous*⁶ surgida em meados de 2008), onde não existem líderes, seus pronunciamentos públicos se escondem atrás de uma máscara para garantir o anonimato e lutam para dissolução de um monopólio capitalista chamado “Evil Corp”. Todas as características da trama compõem o enredo atual do imaginário que estamos vivendo e presenciando. A internet compõe uma nova forma de vida, não somente do que se diz respeito a hipertelia informativa, mas também a qualidade do que está sendo produzido:

⁶ Segundo Machado (2013) a partir do ano de 2008, o *hacktivismo* não apenas começa a renascer, mas o faz emergindo do espaço underground. Atrás da máscara de Guy Fawkes (o soldado inglês que tentou explodir o parlamento durante a conspiração da Pólvora e cuja imagem foi amplamente disseminada com o filme V de Vingança) várias pessoas de vários lugares do mundo começam a fazer ações *hackers* dizendo-se fazer parte do *Anonymous*. Para maior aprofundamento no tema sugiro a leitura do livro *Anonymous Brasil: Poder e resistência na sociedade de controle* de Murilo Bansi Machado (2013).

“A influência das redes baseadas na Internet vai além do número de seus usuários: diz respeito também a qualidade do uso. Atividades econômicas, sociais, políticas, e culturais essenciais por todo o planeta estão sendo estruturadas pela Internet e em torno dela, como por outras redes de computadores. De fato, ser excluído dessas redes é sofrer uma das formas mais danosas de exclusão em nossa economia e em nossa cultura.” (CASTELLS, 2003, pg. 8)

Como afirma Castells (1999), após a Segunda Guerra Mundial criou-se uma nova “Galáxia de Comunicação”. Dava-se fim a “Galáxia de Gutenberg” para entrarmos na “Galáxia de McLuhan”, onde os meios de comunicação foram pela primeira vez pensados como meio formates do indivíduo. Ao final do séc. XX, Castells (2004) anunciaria que estaríamos entrando agora na “Galáxia da Internet”. Como sintetiza Lúcia Santaella (2007):

“Desde meados do século XX, com o desenvolvimento acelerado das tecnologias digitais, especialmente a partir da convergência explosiva do computador e das telecomunicações, as sociedades complexas foram crescentemente desenvolvendo uma habilidade surpreendente para armazenar e recuperar informações, tornando-as instantaneamente disponíveis em diferentes formas para quaisquer lugares. Pela mediação de interfaces do ser humano com as máquinas, o mundo está se tornando uma gigantesca rede de troca de informações. Se podemos estar certos de alguma coisa a respeito do futuro é que a influência da tecnologia digital continuará a crescer e a modificar grandemente os modos como nos expressamos, nos comunicamos, ensinamos e aprendemos, os modos como percebemos, pensamos e interagimos no mundo.” (SANTAELLA, 2007, pg. 128)

Para Lucia Santaella (2003) A internet é a rede das redes: “Uma rede acontece quando os agentes, suas ligações e trocas constituem os nós e elos de redes caracterizadas pelo paralelismo e simultaneidade das múltiplas operações que aí se desenrolam” (SANTAELLA, 2003, Pg. 89). Tal rede de troca de informações, o ecossistemas das ideias ao alcance de todos será chamado por Pierre Lévy de “inteligência coletiva”. A internet configura (ou configuraria) como um espaço onde as pessoas finalmente podem ter emancipação, resgatar o comunitário e se enriquecer com novos processos de aprendizagem. Segundo Pierre Lévy (1998) “a inteligência coletiva é uma inteligência distribuída por toda parte, incessantemente valorizada, coordenada em tempo real, que resulta em mobilização efetiva das competências”. (LÉVY, 1998, pg. 28). O autor desloca assim o saber individual para o coletivo, pois “ninguém sabe de tudo, todos sabem de alguma coisa, todo saber está na humanidade. (ibidem). Completando essa ideia, Derrick de Kerckhove (2009) apresenta a ideia de inteligência conectiva, atribuindo ao sujeito maior importância na relação entre redes. “A nova experiência psicológica resultante dos últimos avanços tecnológicos dá origem a um novo ser humano, que combina a sua subjetividade com a conectividade” (DE KERCKHOVE, 2009, pg. 34)

Ao passo que se abrem infinitas possibilidades, não obstante a rede também é vista com desconfiança. A figura controversa do *hacker* também é exemplificativa para demonstrarmos essa outra face. Um dos críticos mais ácidos do “falso” deslumbramento com internet, Adrew Keen, nos mostra algumas perspectivas que devem ser levadas em consideração. Em *The internet is not the answer*, Keen (2015) nos fala que apesar das promessas de desconstrução de hierarquias, a internet é controlada por grandes conglomerados como o Google, a Amazon e o Facebook. Com a abertura e a fácil conectividade, o potencial para destruir a intimidade é assustador e sem precedentes. Além disso, ainda segundo o autor, a internet não estaria promovendo maior comunicação, pelo contrário, estaria promovendo um ruído contínuo e dissonante. Ciro Marcondes Filho, a luz de Marshall Berman, nos faz uma advertência bastante precisa sob a ótica que devemos enxergar a questão dessa nova perspectiva de liberdade

“ O perigo, adverte o crítico francês [Marshal Berman], é que a liberdade jamais é vista como algo também potencialmente negativo. Assim como a inundação de informações leva à hipertelia, à crise do sentido, da mesma forma como todos os excessos conduzem os organismos à falência, de maneira equivalente a liberdade sem limites implode com a noção de fronteiras ou medidas” (MARCONDES FILHO, 2012, pg. 63)

Para Marcondes Filho a grande questão é que “nas redes não está buscando fluxo direto de mente a mente, mas o confronto sem mediações com a hipertelia informativa, que neutraliza todas as intenções comunicacionais.” Ou seja, para o autor, apesar de toda ambientação ou “atmosfera” criada para que se dê a comunicação, não estamos comunicando mais ou melhor. (MARCONDES FILHO; 2012). Apesar das ressalvas, é inegável, inclusive para Andrew Keen (2015), o papel da internet nos movimentos populares políticos como o Occupy nos Estados Unidos, ou os outros movimentos orientados pela rede na Rússia, Turquia, Egito e no Brasil. Tais movimentos são fundamentais, não para revivermos certas utopias, mas para pensarmos criticamente através dos acontecimentos como a rede pode reconfigurar o âmbito político, social e cultural e, objetivo deste texto, como reconfigura nossos conceitos de comunicação.

A resistência em rede: o net-ativismo no mundo e no Brasil

Teoricamente indispensável para temática, Michel Foucault ao apresentar uma complexa trajetória das experiências do ser e das matrizes normativas de comportamento, expõe

durante toda sua obra (mesmo que implicitamente) as relações de poder e suas formas de resistência, tendo o sujeito a constituição do tema geral de sua pesquisa.⁷ Poder para Foucault não se constitui como uma entidade, uma substância ou algo que se tome de assalto, antes deve ser compreendido como

a multiplicidade de correlações de força imanentes ao domínio onde se exercem e constitutivas de sua organização; o jogo que, através de lutas e afrontamentos incessantes as transforma, reforça, inverte; os apoios que tais correlações de força, encontram umas nas outras, formando cadeias ou sistemas ou, ao contrário, as contradições que as isolam entre si; enfim, as estratégias em que se originam e cujo esboço geral ou cristalização institucional toma corpo nos aparelhos estatais, a formulação da lei, nas hegemonias sociais. (FOUCAULT, 1998, pp. 88-89)

Foucault desloca o pensamento tradicional da instância do poder, como algo substancial, para uma microfísica do poder. O poder se instala nas relações, está em toda parte e pode ser exercido por qualquer um. Há uma diluição revolucionária do conceito. E para apreender essas relações de poder, Foucault não há analisa através da sua racionalidade interna, mas através do antagonismo das estratégias, ou seja, das ações de resistência. Por exemplo, para entender o que é sanidade em nossa sociedade, talvez devêssemos compreender seu negativo: a insanidade, e portanto, “para compreender o que são as relações de poder, talvez devêssemos investigar as formas de resistência e as tentativas de dissociar estas relações.” (FOUCAULT, 1995, pg. 234). O que seria então a resistência para Foucault? Judith Revel resume:

A resistência se dá, necessariamente, onde há poder, porque ela é inseparável das relações de poder, assim, tanto a resistência funda as relações de poder, quanto ela é, às vezes, o resultado dessas relações; na medida em que as relações de poder estão em todo lugar, a resistência é a possibilidade de criar espaços de lutas e agenciar possibilidades de transformação em toda parte. (REVEL, 2005, pg. 74)

Ao analisar as lutas dos últimos anos, como as travadas entre homens sobre mulheres, pais sobre filhos, psiquiatras sobre doentes mentais, etc. Michel Foucault faz uma equiparação dos seus pontos em comum, que são: 1) possuem um caráter transversal, isto é, não estão limitadas a um país e não são confinadas a uma forma política e econômica particular de governo. 2) seu objetivo não são efeitos de poder enquanto tal. 3) São lutas “imediatas”, elas criticam as instâncias de poder que lhes são mais próximas, aquelas que exercem sua ação sobre os indivíduos. 4) São lutas que questionam o estatuto do indivíduo. Ao mesmo tempo que se conclama o direito de ser diferente, por outro lado ataca tudo aquilo que separa o indivíduo, que quebra sua relação com o outro. 5) São lutas contra o privilégio do saber. “O que é questionado

⁷ FOUCAULT. *Sujeito e o poder*. Pg. 232.

é a maneira pela qual o saber circula e funciona, suas relações com o poder” (Ibid, pg.235) 6) Finalmente são lutas que giram em torno da pergunta “quem somos nós?”. “Em suma, o principal objetivo destas lutas é atacar, não tanto tal ou tal instituição de poder ou grupo ou elite ou classe, mas antes, uma técnica, uma forma de poder” (Ibidem). Nas últimas ações de resistência da sociedade, fica claro como tais lutas estão encontradas nos movimentos net-ativistas, imersa em uma nova ordem cibercultural que muda substancialmente seu estado no mundo, uma nova forma de expressão de resistência, sendo o Brasil um dos principais casos desse tipo de ação.

Em meio ao aparente marasmo e falta de confiança na política, ressoa o grito nas ruas: “O gigante acordou”. Brasil, junho de 2013. Acontece então o ápice do movimento que tomaram de assalto as ruas das principais cidades do Brasil, intitulado posteriormente como Jornadas de Junho. Um cartaz emblemático em meio a tantas frases heterógenas de ordem iria estampar o que realmente aquela passeata significava: “Saímos do Facebook”. De acordo com Ronaldo Lemos (2014), parecia que as avenidas, como a Presidente Vargas, haviam se tornado o próprio *feed* do Facebook, cada um com sua reivindicação particular. Em artigo para a revista Interesse Nacional, Plínio Arruda Júnior destaca que: “a força vulcânica das manifestações gerou a impressão de que a sociedade brasileira assistia às primeiras labaredas de um processo social verdadeiramente revolucionário” (JÚNIOR, 2013, s/p.) De fato, os movimentos articulados pela internet fizeram alguns pensarem pela primeira vez nas novas reconfigurações sociais que a internet poderia e já estava provocando. Talvez a revolução mais significativa e a que vamos tratar no presente texto, seja ulterior as revoluções aparentes, mas as revoluções do campo da essência: no âmbito epistemológico e ontológico.

As Jornadas de Junho não foram um movimento isolado e, obviamente não tiveram uma autogênese. Para começar a entender a genealogia⁸ dessas ações *onlines*, precisamos voltar ao início da própria internet. A história da Internet começa com o desvio ou como dirá Andrew Keen (2015) é uma história que começa com medo, uma paranoia em resposta aos avanços tecnológicos da antiga URSS. O que era um aparato de segurança militar para difusão de informações sigilosas nos tempos de Guerra Fria, o ARPAnet, transformou-se na Internet: sistema que possibilita o acesso de qualquer indivíduo da *World Wide Web*. É com esse espírito de total conectividade que as pessoas começam a se organizar. Na fase atual que vivemos,

⁸ Historicamente é Friedrich Nietzsche que inaugura a metodologia genealógica em sua concepção historicista da realidade. Porém, nesse presente texto, o conceito de “genealogia” é derivado da definição do filósofo Giorgio Agamben que, em suas palavras, define como “uma pesquisa sobre a *arché*, que em grego significa “início” e “princípio”. Em nossa tradição, o início é tanto o que dá origem a algo como também é o que comanda sua história” (AGAMBEN, *O pensamento é a coragem da desesperança*, s/p.).

começamos a presenciar uma verdadeira revolução em tempo e espaço do desenvolvimento tecnológico como nunca antes visto da humanidade.

Em linhas gerais, a internet tem gerado uma nova cultura e tem proporcionado movimentos de ação direta, com práticas comunicacionais e sociais específicas desde os *cyberpunks*, os primeiros a se organizarem com as configurações comunicacionais que a internet proporcionava. Começando com o conflito neo-zapatista em Chipas (1994), passando pela Primavera Árabe na praça de Tahir no Egito, passando pelos Wikileaks, o Chicago Crime, o Movimento 15 M na Espanha, o Occupy Wall Street nos Estados Unidos, as Jornadas de Junho no Brasil e até mesmo as Ocupações das Escolas Públicas em Goiás contra as Oss, percebemos as mesmas configurações: São movimentos cujas as articulações se deram via internet, cujas as ações são apartidárias, prezam pelo anonimato, não há hierarquias, tem ausência de uma ideologia em comum, tem uma tendência a à desagregação e ao desaparecimento que torna tais ações intermitentes e existe uma continua conexão em todos os momentos de atuação.

Há quem critique especificamente tais características do movimentos net-ativistas: a falta de liderança, o apartidarismo, a ausência de um conjunto definido das reivindicações, etc, geram muitas desconfianças para os mais tradicionais (ou dos mantenedores dos padrões hegemônicos identitários) descreditando veementemente tais movimentos, porém há também quem suscite que são exatamente tais articulações particulares que mostram a força desta nova arquitetura de ação. O filósofo italiano Giorgio Agamben em *A comunidade que vem* evoca que, bem como os protestos no Brasil, os protestos na praça da Paz Celestial (Tiananmen) na China também revelavam uma ausência de conteúdos determinados, permeados por noções genéricas e difusas de democracia e liberdade que impossibilitavam uma “plataforma política real”, a única demanda concreta era a reabilitação de Hu Yao-Bang, um dos principais defensores das reformas políticas na China, que foi prontamente concedida (bem como as reivindicações de reajuste da tarifa de ônibus no Brasil.) Nas palavras de Agamben: “o fato novo da política que vem é que ela não será mais a luta pela conquista ou pelo controle do Estado, mas a luta entre o Estado e o não-Estado (a humanidade), disjunção irremediável entre as singularidades quaisquer e a organização estatal”.⁹ Ou seja, é justamente o questionamento dessa arquitetura governamental regulada por uma imposição de identidade específica que levou tanto brasileiros quanto chineses às ruas. Portanto, onde os críticos dos movimentos net-ativistas enxergaram a grande fragilidade dos movimentos,

⁹ AGAMBEN, *A comunidade que vem*, p. 78

podemos dizer que nestas características próprias, são justamente onde encontramos sua potencialidade inovadora – e quanto a esta, o Estado não se dispõe a compactuar. Citando novamente Agamben:

Em última instância, de fato, o Estado pode reconhecer qualquer reivindicação de identidade que seja – até mesmo (a história das relações entre Estado e terrorismo, no nosso tempo, é sua eloquente confirmação) a de uma identidade estatal no interior de si mesmo; mas que singularidades façam comunidade sem reivindicar uma identidade, que homens copertenciam sem uma condição representável de pertencimento (mesmo que seja na forma de um simples pressuposto) – eis o que o Estado não pode em caso algum tolerar. Pois o Estado, como mostrou Badiou, não se funda no laço social, do qual seria expressão, mas na sua dissolução, que ele interdita. Por isso, relevante não é jamais a singularidade como tal, mas somente a sua inclusão em uma identidade qualquer (mas que o próprio qualquer seja retomado sem uma identidade – essa é uma ameaça com a qual o Estado não está disposto a compactuar.) (AGAMBEN, 2013, pg. 78)

Ou seja, quando a reivindicações específicas e o Estado nos permite alguma concessão, não estamos necessariamente transformando a estrutura, pelo contrário, estamos a mantendo. Tanto quem é permitido não recebe mais poder, quanto quem permite não doa mais poder ao permitido. É por isso que Estado recebe muito bem as reivindicações de grupos sociais claramente identificáveis. Quando exigências específicas são atendidas, o Estado concede uma espécie de “permissão”, ao invés de conferir propriamente participação no poder

Em total consonância com o pensamento de Agamben, podemos encontrar novamente nas palavras de Foucault o tipo de lutas ou formas de resistência que as relações de poder pastoral do Estado podem suscitar e o porquê dessas formas net-ativistas serem lutas praticamente “universais”: as lutas travadas são contra as formas de dominação, contra a sujeição, subjetivação e submissão dos sujeitos. Nas palavras de Foucault:

Talvez, o objetivo hoje em dia não seja descobrir o que somos, mas recusar o que somos. Temos que imaginar e construir o que poderíamos ser para nos livrarmos deste “duplo constrangimento” político, que é a simultânea individualização e totalização própria às estruturas do poder moderno. A conclusão seria que o problema político, ético, social e filosófico de nossos dias não consiste em tentar liberar o indivíduo do Estado nem das instuições do Estado, porém nos liberamos tanto do Estado quando do tipo de individualização que ele se liga. Temos que promover novas formas de subjetividade através da recusa deste tipo de individualidade que nos foi imposto há vários séculos. (FOUCAULT, 1995, pg. 239)

Diante de tão nova reconfiguração, cabe a nós como cidadãos e pesquisadores suscitarmos perguntas e não nos deixarmos levar pela euforia de conferir respostas impetuosas, como dirá o filósofo Slavoj Žižek ao analisar os protestos em meados de 2011:

“Devemos tratar as reivindicações dos protestos de Wall Street de maneira semelhante: intelectuais não devem tomá-las inicialmente como reivindicações e questões para as quais precisam produzir respostas claras e programas sobre o que fazer. Elas são respostas, e os intelectuais deveriam propor as questões para elas. A situação é como a da psicanálise, em que o paciente sabe a resposta (seus sintomas), mas não sabe a que ela responde, e o analista deve formular a questão. Apenas por meio desse trabalho o paciente surgirá um programa” (ŽIŽEK, 2012, pg. 25)

Portanto, o presente texto evoca muito mais perguntas do que respostas acabadas sobre como a comunicação pode ser repensada, face as diversas manifestações net-ativistas dos últimos tempos. O fato é que os movimentos sociais *online* são um desafio teórico importante para as diversas áreas do conhecimento, aqui trataremos como a qualidade conectiva e tecnológica do agir e os novos tipos de localidade atópicos podem reconfigurar os conceitos do que é e como se dá comunicação. Como diz Edgar Morin: “Estamos condenados a um pensamento incerto, a um pensamento trespassado de furos, a um pensamento que não tem nenhum fundamento absoluto de certeza. Mas somos capazes de pensar nestas condições dramáticas” (MORIN, 2007, pg.69)

A revolução comunicativa

O advento da comunicação digital, talvez, seja uma das maiores revoluções da nossa época. Estamos presenciando uma reconfiguração da esfera pública, da sociedade e da política. E ulterior a tudo isso, a cibercultura tem nos capacitado a rever as concepções ocidentais, ou seja, tradicionais e positivistas da comunicação. Como diz Di Felice:

“Na época contemporânea, a humanidade estaria enfrentando uma ulterior revolução comunicativa, implementada pelas tecnologias digitais, que, numa concepção histórica, constituiria a quarta revolução e que, como as outras, importantes transformações no interior dos distintos aspectos do convívio humano. Nesta última, além da expansão do elemento comunicativo, que passará a permitir o alcance das informações a um público ilimitado e a transmissão em tempo real de uma quantidade infinita de mensagens, é o próprio processo e o próprio significado do ato de comunicar a serem realmente transformados” (DI FELICE, 2008, pg.22)

Primeiramente o que o professor Massimo Di Felice nos propõe é que a comunicação digital estabelece uma nova arquitetura informativa, uma arquitetura que “não se limita a distribuir informação, mas que também é interativa, permitindo o diálogo fértil entre dispositivos de conexão, banco de dados, pessoas e tudo o que existe.” (DI FELICE, LEMOS, 2014. Pg.7).

A arquitetura informativa muda por inteiro o conceito de comunicação. A ideia de comunicação, desenvolvida ao longo do tempo pelos estudiosos das mais diversas áreas, é uma

ideia subordinada à lógica produtiva e industrial, até porque ela foi desenvolvida dentro desse contexto. Como é o caso do modelo de Lasswell, tão consagrado para todos os estudantes de comunicação. Seu livro *Propaganda Techniques in the World War*, publicada em 1927, costuma ser identificada como o marco inicial da *Mass Communication Research*. O “paradigma” comunicacional lasswelliano (Quem? Consegue o quê? Quando? Como?) marca as etapas iniciais dos estudos e tem grande influência em todos os estudos sobre comunicação. Como dirá Marcondes Filho (2012), “o conceito de comunicação da primeira cibernética é muito precário. “Comunicação” torna-se simplesmente tudo: qualquer contato, qualquer ligação, qualquer transmissão (veja-se, para isso, o modelo “canônico” de Shannon). (MARCONDES FILHOS, 2012, pg.39). Os sistemas analíticos, derivados do positivismo científico, pelos quais foram submetidos o conceito de comunicação são incapazes de apreender um sistema tão complexo. Como sintetiza Marc Halévy (2010):

"A questão é: 'por que o método analítico não funciona nos sistemas complexos?'. A resposta é trivial: porque o que é complexo não pode ser reduzido por análise a um conjunto de componentes. Portanto: o todo é mais que a soma das partes. [...] e jamais pode ser reduzido a elas. Aparecem propriedades emergentes que não estão em nenhum de seus componentes. Essas propriedades tipicamente complexas nascem das interações densas e fortes entre as partes e geram características segundas, coletivas, globais. Em resumo, em um sistema complexo, o todo é igual à soma das partes mais o conjunto dos processos de interações combinatórias entre essas partes". (HALÉVY, 2010, p.43 e 44).

Com raras exceções, os modelos teóricos sempre atribuíram a mídia um simples papel de canal ou veículo de distribuição de informações. A comunicação aqui é apresentada pela geometria frontal, a oralidade, derivada desde o teatro grego até a TV. Sempre olhamos a comunicação como algo a nossa frente. Como dirá Marcondes Filho:

“A correção virá com a segunda cibernética, de Heinz von Foerster e seus seguidores, que realça a posição do observador e questiona o status de comunicação (assim como de informação) como coisa, como materialidade, como existência “em si”. Para ele, contrariamente, comunicação não é nada, não existe por si mesma, é um resultado virtual do relacionamento entre dois agentes” (MARCONDES FILHO, 2012,pg.39)

Sob a perspectiva da rede e dessa nova arquitetura informativa, não pensamos a comunicação como simples transmissão de A para B, mas numa ecologia onde todos os elementos se comunicam ao mesmo tempo e, portanto, produzem uma experiência imersiva, que não pode ser apresentada por um modelo simplificado. “Esse é um traço constituinte da rede, isto é, não estamos mais na lógica da instrumentalização, da mídia, o uso...No Brasil, usa-

se muito o termo “ferramenta.” Mas, nesse caso, não se trata de uma ferramenta, e sim de um elemento formante. ” (DI FELICE, 2013, pg. 12). Ciro Marcondes Filho em *O rosto e a máquina* sintetiza que o conceito de comunicação deve ultrapassar essa visão simplificada de mediação e transmissão:

Comunicação não tem nada a ver com transmissão, transferência, transporte, trânsito, repasse ou similares, pois todas essas definições supõem a ideia de algo vai de uma pessoa a outra, como um livro que eu te dou, um órgão que eu doo ao outro, o sangue que é transfundido ao outro. Não existe essa materialidade, porque o que sai de mim, como fala, expressão, obra, música, toque, chega ao outro como coisa diversa, que eu jamais poderei saber o que é. Comunicação precisa da cena que nos envolve quando dialogamos com o outro e que permite o aparecimento dessa coisa inusitada, que é nossa transformação. Ela é uma abstração, resultado de nossa própria interação com o outro, com os outros, com uma obra. (Marcondes Filho, 2013, p.30)

Portanto, a rede produz uma alteração da natureza da informação. A digitalização não significa a transferência de informação, mas a transfiguração da natureza da informação e de qualquer coisa. A digitalização produz uma transfiguração da realidade. Na rede existe uma comunicação simultânea de tudo que existe. Estamos diante de uma complexidade sistêmica, uma hipercomplexidade como diz Edgar Morin, onde os elementos não conseguem dar conta do dinamismo das relações.

Em seu livro *Fascinação e Miséria da Comunicação na Cibercultura* (2012), Ciro Marcondes Filho mostra uma visão importante das novas configurações atribuídas a comunicação pela cibercultura. O autor mostra que os estudos de José Gil (2002) possuem duas premissas importantes: reconhece a importância de uma “atmosfera” para a comunicação e encara as máquinas não mais como meios para efetivação do desejo, mas como “objetos-fetiches emissores de desejo”, que dão ordens a seus proprietários.

José Gil chama de atmosfera o “corpo único onde circulam intensidades, onde coisas deslizam de um ponto a outro, espécie de “campo” de pequenas percepções onde entramos, e onde, por contágio, através do funcionamento da dinâmica de forças, a comunicação acontece. ” (MARCONDES FILHO, 2012. pg.30). Com as tecnologias, a atmosfera que era criada no tête-à-tête, agora passa por codificações. Ciro Marcondes sugere então o conceito de “contínuo atmosférico mediático”, que engendra as condições necessárias e suficientes para que a comunicação se realize também no plano impessoal, a distância, sem a presença do outro.

Tal abertura contínua proporcionada pelas novas tecnologias geram algumas implicações: a primeira é a impressão da disponibilidade permanente “graças às próteses técnicas cada vez mais integradas ao nosso entorno – e no dia de amanhã talvez, ao nosso corpo

– acabamos por estar sempre disponíveis, sempre acessíveis para os agentes ou os acontecimentos que surgem na rede a cada instante. (MARCONDES FILHO apud PAUL SORIANO 2006, pg.57). A segunda é “verificação do mundo”:

“O quadro, portanto, fala da instalação de uma nova ordem cibercultura em que o regime é o da verificação contínua de instituições, histórias e criações, associada a uma cobrança intermitente de conexão: o mundo se dilui e se refaz a cada momento; o homem não pode se dar ao luxo de ficar de fora desse contínuo rearranjo, ele precisa estar presente 24 horas por dia, ao preço de ser excluído e cair no ostracismo total.” (MARCONDES FILHO, 2012, pg.63)

O contraponto de Marcondes Filho em relação a essa nova realidade marcada pela internet é importante e essencial para termos uma visão plural das novas transformações que a nova rede mundial de conexões tem provocado. Primeiramente o autor mostra que apesar do indivíduo exercer livremente seus vínculos (e aqui temos que repensar sobre essa liberdade), ele está sob chantagem dessa liberdade. Pois dele se pede a conectividade permanente e nos questionamos até que ponto pode ir essa liberdade para nos desconectarmos. Através de Bragança de Miranda, o autor nos mostra que “o volume abundante e intoxicante das imagens camufla os processos dinâmicos, as ligações, a trama oculta e o drama social. Mas não apenas as imagens. Todas as formas de conectividade em rede estimulam tanto a liberdade quanto a diluição da vontade.” (MARCONDES FILHO, 2012, pg. 118).

A comunicação em rede

Penso que a essa altura das discussões e seguindo um fluxo de pensamento dos conceitos de comunicação sob o signo da cibercultura, precisamos pensar na relação entre o homem e a tecnologia. Alguns prenúncios da íntima relação do humano com o mundo artificial (criado pelo homem) aparecem em *A Condição Humana* de Hannah Arendt. Para a autora “Os homens são seres condicionados: tudo aquilo com o qual eles entram em contato torna-se imediatamente uma condição de sua existência.” (ARENDR, 2000, pg.17). Outros autores que são essenciais para o entendimento da gênese e o modo de existência dos objetos técnicos são primordialmente Gilbert Simondon e Martin Heidegger. A base da estrutura do pensamento de Simondon é a complementariedade entre o homem e a técnica. Diz Simondon (2007):

A oposição sustentada entre a cultura e a técnica, entre o homem e máquina, é falsa e sem fundamento; ela esconde ignorância e ressentimento. Por trás de um humanismo fácil, ela mascara uma realidade rica em esforços humanos e em forças naturais, e que constitui o mundo dos objetos técnicos, mediadores entre a natureza e o homem. (SIMONDON, 2007, pg. 09)

Da mesma forma, Heidegger apresenta no seu texto *Ensaio sobre a técnica* essa relação de forma não opositiva. Segundo Di Felice (2013) o que Heidegger procura dizer é que “a essência da técnica não é a técnica, e a relação entre o humano e a tecnologia não pode ser pensada como uma relação opositiva. Heidegger vai além e chega a dizer que a essência do homem é a técnica.” (DI FELICE, 2013, pg. 16) E podemos chegar a dizer que a essência da técnica é o homem. Ou seja, apesar de algumas interpretações divergentes do texto de Heidegger, não podemos pensar a técnica e o ser humano de formas desassociadas, como vem sendo tratado o pensamento tradicional ocidental desde a época de Aristóteles e sua oposição entre a *epstéme* e a *téchne*:

Uma interpretação possível é reconhecer que tudo o que o homem produz, ou melhor, toda humanidade produzida pelo homem – não só hoje com o digital, mas desde sua origem – foi desenvolvida em diálogo com a técnica e com o meio ambiente. Dessa perspectiva, devemos hoje desenvolver – mediante a oportunidade oferecida pela reflexão da relação do humano com a tecnologia, e do humano com a mídia uma crítica ao conceito de humanismo próprio da filosofia ocidental. (DI FELICE, 2013, pg. 17.)

Ou seja, para uma melhor compreensão das novas dinâmicas da rede, precisamos repensar alguns conceitos clássicos ocidentais que são a base da modernidade: o antropocentrismo que coloca o homem como agente central das ações no mundo. Para autores como o antropólogo Bruno Latour, o social é uma rede heterogênea que é composta por atores sociais e por elementos tecnológicos, ou seja, devemos pensar não mais no homem como um ator central, mas em uma rede composta por atores humanos e não-humanos. Bruno Latour em sua teoria do ator-rede, propõe a pensarmos na realidade comunicativa nos contextos de rede levando em conta as formas de hibridização, não somente entre sujeitos humanos, mas entre todos os conjuntos de dispositivos, circuitos, tecnologias, banco de dados e todo tipo de entidade-ator. Latour abre-nos a possibilidade de pensar nessa multiplicidade dos atores intervenientes que compõe a rede e os quais “deixam rastro”. Di Felice (2013) apresenta-nos que é Soren Kierkegaard que já visionava essa comunicação que não se limitava apenas entre atores humanos:

Cada vez que se fala de *medium* ou comunicação, necessitaria se distanciar o máximo possível da opinião dos jornalistas ou dos intelectuais na moda. Deve-se, ao contrário, reconhecer que, quando se menciona a palavra comunicação, não se faz simplesmente referência à informação e à mensagem, mas se define o modo que uma época ou uma determinada sociedade se relaciona com os mortos, os vivos e a natureza (Kierkegaard, 1979-82: 75 apud Di Felice, 2013: 66).

Sobre a forma das redes a qualidade das ações se modificam profundamente. O agir não é mais pensado por um sujeito autor, nem um sujeito teleológico (Weber) – consequência de um tradicional pensamento racional humano ocidental – mas a partir de uma dimensão ecossistêmica e conectiva própria, como nos diz Di Felice (2013):

Relacionando a importância da forma com a análise das ações net-ativistas podemos reconhecer a distância destas últimas com as interpretações sociológicas sobre a ação social. Nas ações net-ativistas, de fato, a cumprir a ação não está mais o indivíduo teleológico weberiano nem sujeito racional da ação comunicativa habermassiano, mas um ator-rede, conectado e parte de uma ecologia reticular que se articula em sucessões de ações, por meio das trocas de atos conectivos. A diferença da ação do sujeito, o ato conectivo exprime a dimensão impermanente e criadora, cara aos dramaturgos gregos, de um acontecimento criador. Em lugar da ação de sujeitos e atores humanos, o ato realiza-se por meio da conectividade fértil de diversos actantes e interagentes, humanos e não. (DI FELICE, 2013, pg.68)

Para o teórico John Durham Peters na sua obra *Speaking Into the Air. A History of the Idea of Communication*, existem duas formas de comunicação: uma é a forma da disseminação e a outra do diálogo. Uma é simbolizada por Cristo e a outra por Sócrates. A primeira é a forma tradicional das Ciências Sociais de enxergar a Comunicação. Nessa perspectiva as arquiteturas informativas digitais são percebidas e estudadas nas suas funções sociais. Já a segunda concepção comunicativa oferecida por Peters se refere à comunicação como diálogo, “entendendo com este a especificidade de uma arquitetura informativa que em lugar de difundir a si própria, muda-se na medida em que vem se comunicando. Essa outra perspectiva nos convida para pensar as redes digitais não a partir de sua função social e do seu poder de transformação, mas como uma forma criadora.” (DI FELICE, 2013, pg.60)

Ou seja, os estudos sobre comunicação tradicionais, pelos quais estudamos os estudantes de comunicação estudam em matérias como “Teorias da Comunicação” não são eficazes ou suficientes para abranger e deter toda complexidade que a rede proporciona para o conceito de comunicação. Pensando nisso, vários teóricos se propuseram a pensar em uma “Nova Teoria da Comunicação”¹⁰, como é o caso de Ciro Marcondes Filho que além da percepção de que a comunicação deve ser pensada entre agentes humanos e não-humanos, o outro movimento que segue se dá a partir dessa relação do acontecimento (Deleuze) onde ocorre uma comunicação por contágio. Não nos tornamos o outro ou algo, compomos com ele:

“Em Mil Platôs, Deleuze e Guattari falam que no devir ocorre uma aliança simbólica entre dois componentes, na qual se cria um vínculo entre eles sem que ocorra aí uma

¹⁰ A tese é apresentada por Ciro Marcondes Filho inicialmente em seu livro *Para entender a comunicação: contatos antecipados com a nova teoria* (2008) onde o autor propõe uma perspectiva mais filosófica da comunicação.

fusão; um não se torna o outro; há, antes, comunicação por contágio e criação de um campo (p.292). Apesar de não nos tornarmos o outro, na experiência do devir, dizem os autores, tornamo-nos moleculares, compomos com eles. Ninguém diante de um lobo se torna um lobo, mas “compõe com ele”, “emite corpúsculos que entram na relação de movimento e repouso das partículas do animal”. O “devir-mulher” não tem nada a ver com um homem tornar-se mulher, enquanto “entidade molar”, mas como o “produzir em nós [homens] uma mulher molecular” (pg.338). A “escrita feminina” seria o ato de escrever soltando átomos de feminilidade, da mesma forma que o “devir-criança” constitui a juventude universal.” (MARCONDES FILHO, 2012, pg.33)

A comunicação sob o signo do acontecimento: uma proposta possível.

Mais do que pensar na epistemologia da comunicação, partimos agora em direção a um problema que nos é ulterior, a saber, sobre a ontologia da comunicação. Em seu artigo *Comunicação e pensamento sob o signo do acontecimento: um interlúdio epistemológico-ontológico*, Cleber Daniel Lambert da Silva nos propõe uma nova aliança entre comunicação e pensamento, “que libere um e outro”. A primeira liberada da mediação e o segundo liberado da representação, tudo pensado a partir do signo dos acontecimentos (Deleuze). É a proposta de “uma nova aliança entre filosofia e ciência”. Tal proposta também é encontrada no texto de Marcondes Filho *Michel Foucault e a comunicação como acontecimento* que através de uma análise dos pensamentos de Foucault e com as perspectivas que alinham com o que o autor chama da Nova Teoria da Comunicação¹¹, apresenta o olhar de Michel Foucault à comunicação remetendo à teoria do acontecimento. Primeiramente, o que seria o acontecimento para Foucault? Marcondes Filho nos responde:

“De forma estóica, Foucault fala que o acontecimento não é substância nem acidente, qualidade ou processo; ele não é da ordem dos corpos, mas, tampouco é imaterial (o que é então, senão o próprio incorpóreo?). Ele opera na relação, na coexistência, na dispersão, no recorte: “não é ato nem propriedade dos corpos, ele se produz como efeito da e na dispersão material” (Foucault, 1970, p. 59), repetindo aqui, sem mencionar, a cartilha dos estóicos. E, com efeito, na página seguinte é ele mesmo quem reconhece que a filosofia do acontecimento deveria avançar na direção paradoxal à primeira vista de um materialismo do incorpóreo.” (MARCONDES FILHO, 2009, pg.10)

Seguindo a teoria estóica dos incorpóreos, na qual os seres reais entram em relação com outros seres reais e podem por meio desta relação se modificar e fascinado com as possibilidades tecnocráticas da ciência da linguagem, Foucault remete a princípio à linguística

¹¹ Agora acrescenta-se um novo critério: o do acontecimento. Não se chega à novidade, à renovação, à transformação por um trabalho intelectual, acadêmico, conceitual; chega-se por um impacto, por um fato especial, por um acontecimento (MARCONDES, 2008: 44).

unida a outros acontecimentos, não exatamente discursivos (fatos técnicos, econômicos, sociais, políticos, práticos...) sendo essa soma o processo comunicacional, que é tida como Teoria do Acontecimento. (MARCONDES FILHO; 2009)

Tomando como base o pensamento da diferença em Deleuze: o de reduzir a diferença ao mundo natural determinado como aparência e ilusão (simulacro) e em conceder toda realidade às ideias imutáveis e idênticas do pensamento, em seu texto Cleber Daniel vai além e explora o conceito de comunicação no seu lugar de fundamento da própria relação da comunicação com o pensamento. O texto aponta um deslocamento em que identifica uma comunicação que não se atém a uma tecnologia, no sentido de que dependeria de uma materialidade; nem em seu status de campo de conhecimento – quer seja como aporte para outras ciências pensarem os fenômenos sociais ou como um campo em si. Para o autor, trata-se de um outro lugar, de uma relação no estrato do pensamento. Aqui pensamento e comunicação são ocorrências simultâneas, inscritas no acontecimento.

Cleber Daniel faz uma crítica ao modelo de operação representacional de Kant que dominou a história do pensamento filosófico e científico, onde se vê o pensamento como representação e a comunicação como mediação. Se na representação impera a separação, de acordo com o autor, do Ser e pensamento transitando em um plano mais concreto e operacional, um modo de transitar na razoabilidade da ordem da vida, de subordinar o real ao plano das ideias de uma (transcendência na imanência) e nos mostra uma ontologia analógica e equívoca; no plano diferencial proposto pelo autor através de Deleuze, agora podemos pensar em uma nova aliança entre comunicação e pensamento edificada sobre uma ontologia imanente e unívoca. No lugar do ato de mediação, a imediação ou do mediativo para o imediato. Nas palavras do autor:

“Nosso problema é liberar a comunicação da mediação e da representação, por meio de uma crítica efetiva que concirna àquilo que a fundamenta no plano do próprio pensamento, ou seja, a ontologia analógica que funda o pensamento da representação e a comunicação midiática e que implica um pensamento ele próprio midiático.” [...] “Cérebro-pensamento ou cérebro-sujeito deixa de ser entendido como um objeto individualizado para ser pensado como um acontecimento do ser que devém. Deste ser que é devir, ou seja, acontecimento e não essência, força e não forma e deste cérebro (pensamento) que expressa o ser que ele vem a ser, ou seja, do qual ele é o acontecimento, é que tiramos as lições fundamentais para pensarmos o pensamento como criação e a comunicação como imediação.” (LAMBERT DA SILVA, 2004, pg. 13)

Em linhas gerais, pode-se concluir com a proposta do autor que “um cérebro criador imidiático” tira a articulação entre comunicação e pensamento do plano do apenas re-apresentação, desenvolvendo a problemática da diferença, ou seja, para conhecer o real não é preciso mais re-conhecelo, mas o conhecer se torna uma forma prévia de reconhecer uma forma

e conforma-se a ela, subordinar a diferença à identidade. A proposta de Cleber Daniel tira o pensamento e comunicação de clausuras tradicionais (da operação representacional; da oposição entre sujeito x objeto) e reconhece, amplia, as possibilidades de reflexão sobre o humano neste interlúdio epistemológico ontológico proposto, compondo uma nova aliança, e que inclui, como diz o autor, um movimento de abertura da ciência contemporânea, ou, “a comunicação imidiática aponta para uma tal ciência dos devires” (IBDEM, pg. 14)

Considerações Finais

Tendo em vista estes prolegômenos introdutórios a algumas reconfigurações que a cibercultura nos provoca a repensar, o objetivo central desse presente texto foi de maneira geral e simplificada (pois o tema exige grande demanda de reflexão e argumentação), compreender como a cibercultura permite e capacita-nos a repensar o conceito de comunicação tanto na ordem epistemológica, quanto na ontológica (e seus interlúdios). O objetivo era não ter a imprudência temerária da confusão e repetição complacente de “verdades” que se tornaram triviais ou vazias (ARENDRT, 2005, pg. 13), mas provocar questões ulteriores às simples interpretações do presente.

Durante o texto vimos como o advento das novas tecnologias possibilitam novos tipos de ações e reconfiguram as formas. A cibercultura é a cultura que vivemos e tem conduzido as mais diversas ações em rede, possibilitando o surgimento de um ator-rede que não necessariamente é um ator humano, mas um ator conectado a uma multiplicidade de atores. Nosso social está regido pela rede e dentro dessa nova configuração, devemos pensar como a política pode mudar, como o social muda, como os movimentos sociais tem mudado e como conceitos tradicionais, principalmente os conceitos da tradição ocidental, possuem a possibilidade de serem repensados. Estamos diante de uma profunda mudança no repertório das ações coletivas como vimos com os movimentos net-ativistas. Tais mudanças são resultado da influência das novas tecnologias digitais que organizam novas arquiteturas informativas, novas arquiteturas cognitivas e ameaçam o Estado como o único agente mediador privilegiado da demanda política, fazendo-nos repensar sobre o seu papel soberano em Hobbes e disciplinador em Foucault.

No entanto, pensamos aqui em uma revolução ulterior: as revoluções epistemológicas e ontológicas, proporcionadas por essa nova reconfiguração. Muda-se a ideia dos estudos de comunicação tradicional para pensarmos em uma arquitetura informacional digital. Outro aspecto apontado por Di Felice (2013) é que deve-se pensar em uma comunicação que abrange elementos humanos e não humanos. Além disso, é preciso superar algumas

dicotomias tradicionais (sujeito x objeto, forma x conteúdo, etc.) que enxergam a comunicação de forma sistêmica e alguns percalços teóricos advindos da tradição ocidental moderna pós iluminismo (como o antropocentrismo, humanismo, etc.) para interpretar a nova realidade proposta pela rede.

Nossa condição habitativa, com o advento das tecnologias de conectividade dos últimos anos, foi profundamente alterada. De um lado, a difusão em larga escala dos dispositivos móveis de conteúdo com as formas de conexão *wi-fi*, e do outro da proliferação dos *social networks* e da internet das coisas, dão origem uma forma conectiva que já não é capaz de ser expressa a partir da linguagem teórica do social desenvolvidas pelas disciplinas positivistas europeias, nem delimitável por meio da tradicional dimensão antropomórfica da política. As características de tais interatividades por um tipo de interação em rede que não expressa mais a ação de um único sujeito autor, mas de um ator-rede. Dessa forma, desenvolve-se uma geometria não linear de interações e ações. Essas ações não podem ser interpretadas como apenas extensões digitais das relações sociais (B. Wellman), ou sua amplificação (M. Castells), mas a complexidade das interações em rede apresenta-se marcada por uma dimensão informativa que antecede as interações e que estabelece uma particular dimensão conectiva que altera a substancia dos seus membros.

A complexidade dessas interações é expressada pelos movimentos net-ativistas, que nascem nas redes e a partir dos *social networks* e que mesmo ganhando uma forma visível através das passeatas, ocupações e manifestações de rua, continuam com sua dimensão conectiva que se transformam continuamente ao sempre reconfigurarem seus próprios objetivos, ao descobrir novas finalidades e formas agregadoras durante a disseminação de suas ações e adquirem forma a partir da dinâmica dos fluxos informacionais e do poder heteronômico das conexões. Por essa hipercomplexidade, a qualidade e nossas percepções sobre os conceitos de comunicação devem ser alteradas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

AGAMBEN, Giorgio. *A comunidade que vem*. Trad. Cláudio Oliveira. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

ARENDT, Hannah. *A Condição Humana*. Trad. Roberto Raposo, posfácio de Celso Lafer. 10 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

CASTELLS, Manuel. *A Galáxia da Internet: reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

DE KERCKHOVE, Derrick. *A pele da Cultura. Investigando a nova realidade eletrônica*. São Paulo: Annablume. Coleção Átopos. 2009.

DI FELICE, Massimo. *Do Público para as redes*. São Caetano do Sul. Ed.Difusão, 2008.

_____. *Ser Redes: o formismo digital dos movimentos net-ativistas*. São Paulo: Revista Matrizes. USP. Ano 7 – nº 2 jul./dez. 2013.

FOUCAULT, M. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

_____. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, Hubert L; RABINOW, Paul. *Michel Foucault: uma trajetória filosófica – para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. p. 231-249.

HALÉVY, Marc. *A era do conhecimento: princípios e reflexões sobre a revolução noéticano século XXI*. São Paulo: Unesp, 2010.

HARVEY, D.; TELES, E.; SADER, E.; et al. *Ocuppy: movimentos de protesto que tomaram as ruas*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2012.

JÚNIOR, P. A. S. *Jornadas de Junho e Revolução Brasileira*. Interesse Nacional. Ano 6 , Ed. 23, out./dez. 2013. Disponível em: < <http://interessenacional.uol.com.br/index.php/edicoes- revista/jornadas-de-junho-e-revolucao-brasileira/>>. Acesso em: 14 jan. 2015.

KEEN, Andrew. *The internet is not the answer*. Antlantic Monthly Press. New York. 2015

LATOURE, Bruno. *Jamais fomos modernos: ensaio de uma antropologia simétrica*. São Paulo: Editora 34, 1994.

_____. *Ciência em ação – como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora*. São Paulo: Editora Unesp, 2000.

MACHADO, Murilo Bansi. *Anonymous Brasil. Poder e resistência na sociedade de controle*. Salvador: EDUFBA, 2013.

MARCONDES FILHO, Ciro. *Fascinação e Miséria da Comunicação na Cibercultura*. Porto Alegre: Editora Sulina. 2012.

_____. *Para entender a comunicação: contatos antecipados com a nova teoria*. São Paulo: Paulus, 2008.

_____. *O rosto e a máquina - o fenômeno da comunicação visto pelos ângulos humano, medial e tecnológico (Nova Teoria da Comunicação – Volume I)*. São Paulo: Paulus, 2013.

MARCONDES FILHO, Ciro. *Michel Foucault e a comunicação como acontecimento*. Rumores-Revista de Comunicação, Linguagem e Mídias, v. 1, n. 1, 2009.

MORIN, Edgar. *Introdução ao pensamento complexo*. 3. Ed. Porto Alegre: Sulina, 2007.

LAMBERT DA SILVA, Cleber Daniel. da Comunicação e Pensamento Sob o Signo do Acontecimento: Um Interlúdio Epistemológico-Ontológico. IN: XXVII CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO - IV ENCONTRO DOS NÚCLEOS DE PESQUISA DA INTERCOM. *Comunicação, Acontecimento e Memória*. Pontifícia Universidade Católica, Rio Grande do Sul, 2004. Disponível em < <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/94966418141383765444742045363527456798.pdf> > Acesso em, 24 de ago. 2015.

LEMOS, André. *Cibercultura. Tecnologia e vida social na cultura contemporânea*. 6 ed. Porto Alegre: Sulina, 2013.

REVEL, J. *Michel Foucault: conceitos essenciais*. Tradução de Carlos Piovezani Filho e Nilton Milanez. São Carlos: Claraluz, 2005.

SANTAELLA, Lúcia. *Pós-humano porquê?*. REVISTA USP, São Paulo, n.74, p. 126-137, junho/agosto, 2007.

_____. *Culturas e artes do pós-humanos. Da cultura das mídias à cibercultura*. São Paulo; Paulus, 2003.

SIMONDON, Gilbert. *El modo de existencia de los objetos técnicos*. Buenos Aires, Prometeo, 2007.